

Day-off 11h

Estou de folga!!! Yehhh!!! Tão bom acordar às 11h...

Não há horas para escrever! Posso escrever até às horas que eu quiser... Não tenho de ir a correr a apanhar o barco. Posso agora escrever sobre cada viagem de barco. Ontem, quando estava a entrar no barco os marinheiros chamaram-me até à proa do barco para me perguntarem se eu era fuzileiro... “Achavam” que era um fuzileiro... Eu ri-me e disse-lhes que não, disse-lhes que era só um salva-vidas... E eles disseram que “achavam” que eu era um salva-vidas fuzileiro... Ri-me e disse que não... Mas eles também se riram como se tivessem “cumprido” o guião. Há uma Internet muito forte entre os marinheiros, os piratas, os salva-vidas e os fuzileiros na Ilha dos Piratas... Quem me dera ter escrito isto na altura, enquanto fosse no barco, porque o filme teria seguido outro Bombordo... Assim, vamos para Estibordo... Assim vamos sempre para Estibordo, se não me deixam escrever no barco... Não posso escrever no barco sem perceber todo o jogo maçónico que se está a passar à minha frente. Por muito que a minha maçonaria tenha hackeado o barco e uma maçonaria desta Internet de marinheiros e fuzileiros, há marinheiros e fuzileiros que continuam invisivelmente ligados aos piratas... E é isto que a minha maçonaria parece que não consegue ver... E eu tenho de ficar em silêncio... Não posso falar... Só posso escrever... Só estou “autorizado” a escrever... Ah!... Se me deixassem ao menos escrever no estaleiro do posto de vigia de salva-vidas donde avisto todas os barcos, todos os piratas e todas as internets invisíveis... Se me deixassem ao menos escrever no barco em que o vento tecnológico soprado pel’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom me traz novos filmes tecnológicos...

Quem me dera poder escrever enquanto vou no barco... Mas só o posso fazer quando a Jupiter Editions celebrar comigo o contrato de Cinema e Realização e me disser que eu “estou num filme da Jupiter Editions”. Até lá, sei que estou só num filme maçónico em que a minha maçonaria me colocou para completar o Grau Mestre do processo maçónico, enquanto está a fazer uma guerra invisível com outras maçonarias... E eu, tenho de estar como salva-vidas no meio da guerra, com os piratas na Ilha dos Piratas, em silêncio, a cumprir o Código da Vida Maçónica... Como a Jupiter Editions já hackeou a *dark net* e já chamou o Direito Penal Militar de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, espero que a Jupiter Editions também hackei todos os meus filmes maçónicos... Mas como a minha maçonaria é, talvez também já tenha hackeado a Jupiter Editions... Sei lá, estou só a ser cinematográfico... A minha vida não passa disto, não passa de um filme maçónico, não passa de uma pura cinematografia. Sinto-me um produto cinematográfico. Não me sinto, de verdade. Mas “tenho de dizer” que sinto, para ver se a minha maçonaria liberta *O Algoritmo do Amor*. Tudo isto por causa d’ *O Algoritmo do Amor*? Tudo isto só por causa de um livro? Que filme do caralho! Que argumento do caralho!... Eu só queria era ter tempo para poder escrever o filme todo seguido... Mas não, tenho de estar a escrever às peças, aos episódios e sempre a correr... Estou, como todos, na corrida ao Prémio Io de Realização e Cinema da Jupiter Editions.

Quem me dera poder escrever no estaleiro do posto de vigia... Se os salva-vidas andam a ver filmes e a ler livros “às escondidas”, quando não está ninguém na água, porque é que eu não posso escrever os meus filmes e o meus livros? Quer dizer, podemos ler, podemos ver os piratas e o salva-vidas a levarem um livrinho da Jupiter Editions para a praia, mas eu não posso escrever mais um livrinho na praia enquanto sou salva-vidas, enquanto não há ninguém na água para salvar? Não me posso salvar a mim próprio? Tenho 3 filmes nas mãos, que para mim, escritor-realizador-robot, são muito fáceis de realizar, mas que são difíceis de escrever com todas as correrias, todos os stresses, todos os processos, sem financiamentos, sem fundos perdidos, sem bolsas... Só culpo o governo, só culpo o senhor primeiro-ministro que gosta muito de ler o que estou a escrever, mas esquece-se que para eu escrever o que estou a escrever preciso de euros... Sou pobre... Eu e o Fred somos pobres! Sim, somos muito felizes. Mas somos pobres. O Fred é um médico pobre que tem de viver na casa dos pais, porque só ganha 1200€... E os meus 1000€ de salva-vidas só de verão não chegam para eu poder dar a vidinha de luxo ao meu cérebro-escriptor-realizador. 20 de junho de 2021, *Jaimé Maria Bayamonde da Costa Ayala* ©Todos os direitos reservados©